

de sua tenda, seus feitiços e seus ídolos,³⁰ como a Bíblia nos mostra que assim também o fazia Labão.

Se os mágicos fazem render o conhecimento das plantas medicinais para curar as doenças, eles recorrem também a elas a fim de compor filtros e venenos que administram aos que caem em seu ressentimento; as vítimas se acreditam perseguidas pela ira celeste.³¹ Esses charlatões têm também algumas noções de meteorologia, dessas noções que o homem adquire bem depressa, desde que viva ao ar livre e que interroge cotidianamente a natureza; sabem predizer certas mudanças atmosféricas; daí sua pretensão de produzir a chuva, de conjurar os ventos.

Observadores atentos do homem e de todas as suas fraquezas, hábeis em desenredar em seus traços os sentimentos que o agitam, em penetrar de relance no fundo de sua consciência aturdida, os feiticeiros dos selvagens pretendem descobrir as faltas e os crimes ocultos, os pensamentos secretos, e recorrem em caso de necessidade às provas e aos ordálios cujo emprego se reencontra na maioria dos povos bárbaros.³²

Ao naturalismo tal como aparece nas primeiras idades é quase que constantemente associado o culto dos mortos, fundado sobre o temor que se possui das almas dos que não são mais. Encontram-se em todos os lugares; estão nas raízes mesmas da superstição; e, modificadas e purificadas, essas crenças se transmitiram até nós. Os mágicos têm a pretensão de evocar os mortos do fundo de sua morada subterrânea ou dos lugares nos quais eles

30 — Castren, *Vorlesungen*, p. 234.

31 — Os insulares do grande Oceano acreditavam que os feiticeiros podiam dar a morte aos que eles desejavam. (Moerenhout, o.c., tomo I, p. 539). A prática da bruxaria usada entre os antigos, e que continuou na Idade Média, existia entre os índios da América do Norte. Ver *Memórias de John Tanner*, trad. Blosseville, tomo II, p. 58, 59. Os índios da Amazônia imaginam igualmente que os pajés podem enviar doenças e matar seus inimigos. (A. Wallace, o.c., p. 499).

32 — Ver, sobre o emprego dos ordálios entre os cafres, Sutherland, *Memoir respecting the Kaffers, Hottentots and Bosjimmans*, tomo I, p. 253, 256 (Cape Town, 1845). Cf. G. Philips, *Ueber die Ordalien bei den Germanen* (Munich, 1847, in-4e).

Sonhos / religião
erram sob mil formas diversas.³³ Confundidos com os espíritos, as almas dos defuntos se mostram como são nas visões provocadas por narcóticos; e a imaginação, gravando-se no espírito os traços dos que não são mais, se persuade de que eles vivem ainda. Assim, os sonhos representam um papel considerável na religião dos povos selvagens, e eram eles que entretinham mais as tribos índias em sua crença na magia.³⁴ Esse delírio, no qual o homem crédulo imagina ver os demônios e os gênios, se difunde epidemicamente; é de qualquer maneira contagioso. Existe entre os negros, como entre uma multidão de hordas selvagens da América,³⁵ cerimônias noturnas, danças misteriosas tendo por finalidade produzir um entusiasmo frenético, e, na opinião desses selvagens, de estabelecer entre eles e os espíritos um contato mais íntimo e mais freqüente. Aí tudo se exalta ao barulho de uma música retumbante e lúgubre, como o fazem os **chamans** ao som de seu tambor ou **boubna**.³⁶ Os negros

33 — Os antigos patagões estavam persuadidos de que as almas dos feiticeiros se tornavam demônios após sua morte. *Narrative of the surveying Voyage of Adventure and Beagle*, tomo I, p. 162.

34 — Schoolcraft, o.c., tomo III, p. 485. Os índios celebravam uma festa especial tendo em vista obter sonhos proféticos e para isso se preparavam através de jejuns. (Ver *Mém. de John Tanner*, trad. Blosseville, tomo II, p. 347).

35 — Ver Schollcraft, l.c. Os índios Ojibbeways possuíam, notadamente, a festa chamada **Waw-bi-na**, na qual os dançarinos se exaltavam ao som estrepitoso de uma espécie de tambor. (John Tanner, tomo I, p. 281). Em seu delírio, a assistência manuseava brasas e devorava a carne a dentadas. As festas de Jurupari entre os índios da Amazônia têm um caráter análogo. (Wallace, *Travels*, p. 101). Ver, sobre as associações mágicas dos habitantes da Guiné e seus mistérios noturnos, Leighton Wilson, *Western Africa*, p. 395. A revelação desses mistérios é punida com a morte em Dahomey. (F. E. Forbes, *Dahomey and the Dahomans*, tomo I, p. 173). Os mandingues tinham os mistérios do Djamboh, espécie de malefícios feitos sobretudo para assustar as mulheres. (Golberry, *Fragmento de uma Viagem à África*, tomo I, p. 398); Gordon Laing, *Viagem citada*, p. 182; Lander, *Viagem citada*, tomo II, p. 133-139) Cf. Sobre as associações misteriosas dos **wanikas**, a narração dos capitães Burton e Speke, nos *Mittheilungen*, do dr. A. Petermann, 1859; n.º 9, p. 380.

36 — Wrangell, o.c., tomo I, p. 270. — Castren, *Vorlesungen*, p. 163. — Cf. Forbes, o.c., tomo I, p. 172.